

Edição v. 43
número 1 / 2024

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 43 (1)
jan/2024-abr/2024

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Estratégias narrativas do Desacontecimento na imprensa contemporânea: pesquisa exploratória sobre o newsmaking de fatos não-marcados nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo

Narrative strategies of the Unhappenings in the contemporary press: exploratory research on the newsmaking of unmarked facts in the newspapers O Estado de S. Paulo and Folha de S. Paulo

TAYANE AIDAR ABIB

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: tayaneaabib@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2110-6640

DIMAS ANTÔNIO KÜNSCH

Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) – São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil. E-mail: dimas.kunsch@gmail.com. ORCID: 0000-0001-5621-898X.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

ABIB, Tayane Aidar; KÜNSCH, Dimas Antônio. Estratégias narrativas do Desacontecimento na imprensa contemporânea: pesquisa exploratória sobre o newsmaking de fatos não-marcados nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. **Contracampo**, Niterói, v. 43, n. 1, p. 01-18, jan./abr. 2024.

Enviado em: 05/06/2023. Revisor A: 09/01/2024; Revisor B: 09/02/2024. Aceite em: 09/04/2024.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v43i1.58711>

Resumo

Este artigo pesquisa, por metodologia exploratória, as estratégias narrativas engendradas pelo Desacontecimento na cobertura informativa da imprensa paulista, no período de 2015 a 2020. De modo específico, mapeia, nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, as técnicas de apuração jornalística acionadas por tal matriz na cobertura dos fatos não-marcados, em expediente metodológico que opta por dispor, em ramificação analítica, o procedimento de apuração sensível que caracteriza o Desacontecimento em duas dinâmicas-tópico: i) dialogia; e ii) ato presencial. Evidencia-se, por visualização de dados, que o dialógico é traço predominante dos aparatos de captação sensível mobilizados pelo Desacontecimento, devido à própria inclinação compreensiva desta matriz ao Outro e, também, de aspectos de produção informativa que envolvem a disponibilização de recursos materiais, financeiros e humanos para abordagens em ato presencial.

Palavras-chaves

Jornalismo; Desacontecimento; Apuração jornalística; Imprensa paulista.

Abstract

This article investigates, using an exploratory methodology, the narrative strategies engendered by the Unhappening's scope in the informative coverage of the São Paulo press, from 2015 to 2020. Specifically, it maps, in the newspapers O Estado de S. Paulo and Folha de S. Paulo, the techniques of journalistic verification triggered by such matrix in the coverage of unmarked facts, in a methodological expedient that chooses to arrange, in an analytical branch, the sensitive investigation procedure that characterizes the Unevent in two topic-dynamics: i) dialogue; and ii) in-person act. It is evident, through data visualization, that the dialogic is a predominant feature of the sensitive capture devices mobilized by the Unevent, due to the comprehensive inclination of this matrix towards the Other and, also, aspects of information production that involve the provision of material resources, financial and human for in-person approaches.

Keywords

Journalism; Unhappenings; Journalistic verification; São Paulo press.

Introdução: raízes do Brasil

Considerando-se o escopo de estudos acerca do Desacontecimento jornalístico, este artigo propõe investigar, em linhas gerais, a articulação de tal matriz provocativa à cobertura noticiosa contemporânea. Enquanto noção que desestabiliza a semântica convencional do *newsmaking*, centrada no relato de fatos marcados pelos critérios de desvio e proeminência social (SODRÉ, 2009), o Desacontecimento engendra uma dinâmica produtiva divergente, orientada à dimensão da cotidianidade dos sujeitos ordinários, à captura informativa por apuração dialógica e à redação que se assume em mediação autoral (MEDINA, 2014).

Com interesse em escrutinar a manifestação do Desacontecimento nas coberturas informativas realizadas pela imprensa atual, esta pesquisa desenvolve um estudo exploratório junto aos periódicos paulistas de maior circulação nacional na atualidade (Folha de S.Paulo e O Estado de S. Paulo, segundo dados IVC Brasil 2020), em delimitação temporal que abarca os anos de 2015 a 2020. O *corpus*, amplo e diverso, inclui 3.650 edições de jornais, consultadas nos acervos digitais, públicos e gratuitos de cada um dos veículos em questão, por uma leitura de passagem de cada um dos exemplares, em busca do objeto foco, a fim de se constituir uma amostragem de conteúdo convergente à matriz do Desacontecimento nos parâmetros delineados por projetos anteriores.

A delimitação das peças informativas sob tal contorno operacionalizou-se em função do fundamento definidor da matriz: a noticiabilidade conferida às dimensões do cotidiano e dos sujeitos anônimos, em suas ações e relações de resistência ante a adversidades de ordem subjetiva, social, política ou econômica (ESQUIROL, 2009; CERTEAU; MAYOL 1996), por dispositivos de apuração jornalística dialógico-compreensivos. No quadro abaixo, sintetiza-se a configuração processual do Desacontecimento, a ser aprofundada teoricamente no desenrolar do artigo:

Quadro 1 – Processualidade jornalística do Desacontecimento

Newsmaking	Desacontecimento	Tópicos analíticos
Centralidade noticiosa	Protagonismo humano em Cotidianidade	Espaço-tempo de resistências íntimas dos sujeitos ordinários - pela via dos sentidos
		Espaço-tempo de resistências sociais dos sujeitos ordinários - pela via das astúcias sutis
Captação informativa	Apuração sensível	Relação repórter-fato-fonte em movimento dialógico de compreensão intersubjetiva - pela via da dialogia
		Relação repórter-fato-fonte em movimento dialógico de proximidade atenta - pela via do ato presencial
Tratamento redacional	Recursos narrativos	Assinatura criativa em mediação aberta ao trânsito narrativo por recursos de descrição e composição dialógica

(Fonte: Elaboração própria, 2023)

Em vista do foco deste presente estudo em investigar as estratégias narrativas mobilizadas pelo

Desacontecimento, 1 em termos de técnicas de apuração, procede-se, à identificação quantitativa de sua presença nos jornais mapeados, com uma análise qualitativa dos recursos acionados em matérias tomadas como representativas para reflexão, nos âmbitos de vertente dialógica e de ato presencial. Deste modo, espera-se avançar nas discussões sobre as potencialidades e lacunas do escopo percebidas nos diferentes cadernos noticiosos, bem como de abordagens narrativas possíveis à cena jornalística, especialmente dedicadas ao protagonismo do cotidiano e da escuta atenta às demandas de atores sociais hegemonicamente colocados à margem do interesse público e midiático.

Desacontecimento como fato não-marcado

É importante, neste início, situar o lugar epistemológico da reflexão sobre o Desacontecimento. O termo aporta, desde o sentido provocativo de seu prefixo latino, ideias de negação e de oposição para com o escopo que constitui a matéria-prima noticiosa, e conduz o pensamento a ponderar sobre possibilidades de uma feitura informativa outra, à revelia do *newsmaking* historicamente construído pela comunidade profissional. Seu âmbito investigativo se concentra, por isso, nas Teorias do Jornalismo, especificamente em interface com a perspectiva interacionista e as dinâmicas produtivas que foram conformadas em termos de cultura jornalística, buscando pontos de inflexão para uma processualidade noticiosa divergente. Suas discussões empreendem problematizações sobre a ordem dos fatos reportados pelos meios, em vertente que abrange os saberes mobilizados pelos jornalistas no exercício rotineiro de suas atividades e sua responsabilidade no tecido social.

Enquanto artefato da modernidade, a notícia se estabeleceu na complexa relação entre os polos econômico e simbólico de um campo em profissionalização (TRAQUINA, 2005), que por um lado precisava de envergadura comercial para se afirmar como empresa lucrativa, tendo a informação como mercadoria e os leitores como público-consumidor, e por outro almejava assentar sua existência e credibilidade em compasso com valores democráticos. Neste plano de disputas entre necessidades e interesses da profissão, alojaram-se as competências culturais do jornalismo como comunidade interpretativa (ZELIZER, 2000), no que toca à partilha de convenções perceptivas e avaliativas entre o grupo, para sua lida permanente com um fluxo de ocorrências de difícil controle. Uma sistemática produtiva se constituiu, assim, na esteira dos constrangimentos internos e externos de uma atividade institucionalizada, para orientar uma seletividade noticiosa da cena pública em função de um mapa cognitivo que, conforme estudos da área (GALTUNG e RUGE, 1965; SHOEMAKER e REESE, 1996), privilegia as dimensões de desvio e proeminência social dos fatos.

A obra de Muniz Sodré (2009, p. 71) é referencial para a compreensão deste processo: diz o autor brasileiro que os jornalistas partem do “fato em bruto, ou das qualidades indiferenciadas de um evento, para transformá-lo em ‘acontecimento’, por meio da interpretação em que implica a ‘notícia’”. O relato noticioso, acrescenta, é o desdobramento ou “a ampliação dos fatos sociais segundo parâmetros jornalísticos de tratamento que comportam apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos” (SODRÉ, 2009, p. 72). Em outras palavras, e para demarcar a acepção elegida nesta pesquisa, a notícia é a construção do acontecimento de acordo com o conjunto de convenções que estruturam o campo jornalístico; uma micronarrativa que resulta da processualidade do fato em acontecimento, no qual o acontecimento se torna esse escopo-central a carregar, em sua configuração, a semântica do exercício de informar.

Nesta linha, Marcia Benetti (2009) adverte para os riscos de silenciamento que, desde a visada

1 Em pesquisas anteriores, o foco do interesse reflexivo esteve na fundamentação teórica dessa estratégia de narração, a partir do estudo de caso de jornalistas que, em contextos midiáticos tradicionais, conseguiram empreender pautas destoantes à noticiabilidade hegemônica, a saber: a repórter brasileira Eliane Brum e o repórter catalão Bru Rovira (VENTURA; ABIB, 2020).

do jornalismo como acontecimento, reside nas angulações e vozes que sua cobertura marginaliza, por um regime discursivo que acaba por gerar, indiretamente, um senso de conformismo coletivo. Resulta inevitável depreender que, enquanto uma escolha, o acontecimento-notícia é também uma omissão. “Toda forma de ver é uma forma de ocultar”,² pontua Alsina (2005, p. 127, tradução nossa), e é precisamente as camadas de vida e mundo desprezados, ou deixados à sombra, pelo recorte jornalístico que movimentam, há dez anos, a postura investigativa desta pesquisadora.

Pelo escopo do Desacontecimento, tem sido possível tratar de possibilidades de contraposição ao trabalho de significação da noticiabilidade hegemônica, através de uma ênfase a estratégias de narração orientadas aos fatos não-marcados pelo tinteiro dos critérios convencionais, centrados naquelas dimensões rasamente percebidas como ordinárias ou comuns. À sombra da desordem aparente, o Desacontecimento configura uma cena cognitiva outra, que se dispõe pela rítmica do espaço-tempo vivido. Insere-se nas margens negligenciadas de protagonismo coletivo e informativo, pelas camadas secundárias dos fenômenos sociais, assim centrando predileção noticiosa à cotidianidade do homem ordinário.

Um primeiro eixo que cumpre delinear a partir de tais conjugações teóricas, assim, é o que vincula a cotidianidade à repetição de gestos que, longe de empobrecer os sentidos, nos orienta a uma ontologia originária. As recorrências que nos acompanham em nossos dias, para Esquirol (2009), nos fornecem, por um lado, o apoio e a segurança que buscamos e, por outro, um dinamismo com pouco desgaste de energia. As repetições cotidianas, na acepção do filósofo catalão, não são apenas reminiscências ou monotonias; são movimentos adiante, que no compasso do retorno nos abrem o possível futuro. A cotidianidade que nos serve à incursão de uma ontologia originária é, deste modo, a mesma que nos estabelece como sujeito-protagonista de produção de sentidos. Em uma segunda visada interpretativa, então, a vida de todos os dias é também vida autêntica, porque se traduz em atividade de criação e recriação permanentes.

Esse tal mecanismo das criações, por muitas vezes minúsculas, já que nos espaços de nossa intimidade, nos realça ou, para valer-se de um termo acionado por Maffesoli (1996), epifanizam o real. Na dimensão do cotidiano que, sob o prisma do sociólogo francês, nos aparece como centralidade subterrânea, a marca distintiva se encontra em um querer viver irreprimível, cuja força ganha forma por uma criatividade instintiva a que Cremilda Medina (2014, p. 83), em um neologismo muito à brasileira, chama de *sevirol* – “o verdadeiro milagre da vida apesar de tudo”. Em foco, está uma espécie de capacidade de sobrevivência do humano ser na inventividade, suas virações para lidar com a dinâmica vivida, cujo domínio expressivo não pode ser outro que o espaço-tempo diário. Por isso, dessas duas acepções-fundantes do olhar para a cotidianidade, enquanto repetição que orienta nosso existir e enquanto criação/recriação de sentidos que nos vitaliza em plano individual e social, podemos depreender uma significação final que a configura como movimento de resistência do humano ser.

Enquanto código de produção à revelia, é importante ainda frisar, a noção de Desacontecimento não se encerra na discussão sobre uma noticiabilidade não-marcada pelos tradicionais critérios, mas comporta em sua configuração uma processualidade complexa, que envolve a cadência de saberes específicos desde o reconhecimento da pauta da cotidianidade a dispositivos narrativos também distintos, a contrapelo da modelagem positivista que perpassa o campo jornalístico (MEDINA, 2008). O relato das vivências ordinárias em suas significâncias diminutas depende de expedientes de captação sensíveis à irradiação dos detalhes, à compreensão da alteridade em suas rotinas transformadas – e transformadoras.

Pelas vias da intersubjetividade (MARCONDES FILHO, 2013; WOLTON, 2004), as técnicas de apuração e entrevista que se conformaram por gramáticas funcionalistas, na esteira do tom pragmático dos discursos de atualidade do jornalismo, podem se reconfigurar em movimentos de aproximação e diálogo com os contextos e atores sociais reportados. O Desacontecimento tem mais chances de se concretizar em signo da relação terno, que fende as cenas e cenários a vivências partilhadas em atenção

2 No original: “Toda forma de ver es una forma de ocultar”.

e escuta, e que dinamiza a ordem do comum por conjunções da oralidade, do tátil e do olfato colhidos na esfera de um entre (BUBER, 1982). O dialógico e o compreensivo que constituem o aparato narrativo do Desacontecimento versam sobre uma abertura aos afetos e às afetações, sobre um *ser-com* (SODRÉ, 2009), preservando-se os contornos da alteridade do Outro e em face mesmo dos desafios das relações mediatizadas.

Pautas cotidianas, fontes ordinárias e apuração realizada em tom de Eu-Tu (BUBER, 1979; MEDINA, 2008) são, assim, aspectos fundantes na discussão de uma teoria do Desacontecimento jornalístico. Trata-se das linhas referenciais de um fazer que, no compasso da trama comum, faz do povo seu protagonista e empreende, nas trilhas abertas pelo diálogo, a tessitura da socialidade humana na contemporaneidade.

Desacontecimento na cobertura noticiosa dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo

Como o desacontecimento tem se manifestado nas produções jornalísticas da atualidade, para além de casos de destaque de prática profissional, no que toca aos informativos paulistas de circulação nacional? Sob esta posição de pesquisa em continuidade, compreende-se este estudo como desencadeamento necessário a elucidações mais assertivas sobre a pertinência do desacontecimento ao contexto noticioso contemporâneo. Trata-se da possibilidade de situar tal matriz em escrutínio com a cobertura realizada pela imprensa tradicional, para identificar as técnicas narrativas que respaldam essas boas práticas de jornalismo junto à lógica convencional do *newsmaking*.

Delimita-se, por essa escolha metodológica, o interesse em mapear a cobertura informativa engendrada pelos veículos O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, considerando-se a centralidade epistêmica do Desacontecimento nas brechas do *newsmaking* convencional, isto é, seu território favorável nas vias de escape aos constrangimentos diversos que permeiam o exercício jornalístico. No que concerne ao *corpus* elegido para a pesquisa, e que converge com a posição do desacontecimento em se inscrever enquanto escopo discordante ao *newsmaking* tradicional, esta proposta pretende averiguar a manifestação de tal matriz nos jornais paulistas de maior expressividade no país, considerando-se os dados de circulação IVC 2020. Enfoca-se o meio impresso, neste sentido, justamente em razão de sua tradição no que se refere à agenda noticiosa e à conservação dos valores de sua cultura profissional.³ A investigação se concentra nas seções noticiosas de cobertura dos diários, em textos de delineamento informativo, tendo em vista a predileção do desacontecimento pela cotidianidade de sujeitos ordinários. A fim de abranger um recorte temporal substancial para a formulação de apreciações nos termos dos resultados esperados, e pensando no interesse de tratar as coberturas contemporâneas, demarca-se um período de análise de 2015 a 2020.

Ainda que em queda, os jornais selecionados concentram, a nível de Brasil, uma média de 120 mil exemplares por dia, o que representa quase um terço da circulação de impressos, de acordo com dados do Instituto Verificador de Comunicação.⁴ Entre reformulações gráficas e editoriais implementadas com maior vigor a partir da segunda metade do século XX, e que não cumpre detalhar neste artigo, as edições continuam a preservar uma gramática informativa que se respalda, especialmente, pelos cadernos de Política/Poder, Economia/Mercado, Internacional/Mundo e Cotidiano/Metrópoles, em complemento das editoriais de Cultura/Ilustrada e Esportes e de edições esporádicas de cadernos especiais. O *corpus* revela, por essas nuances, o intuito em se ater à processualidade produtiva característica ao jornalismo profissional, em seus critérios predominantes (SHOEMAKER, 2006; TRAQUINA, 2005), como forma de avaliar o alcance

3 Importa, também, recordar os estudos de Groth (2011) que inscrevem os valores essenciais da imprensa periódica na vida individual e social, enquanto criação cultural que, desde as regularidades e constâncias de sua mediação, manifestam as qualidades de periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade.

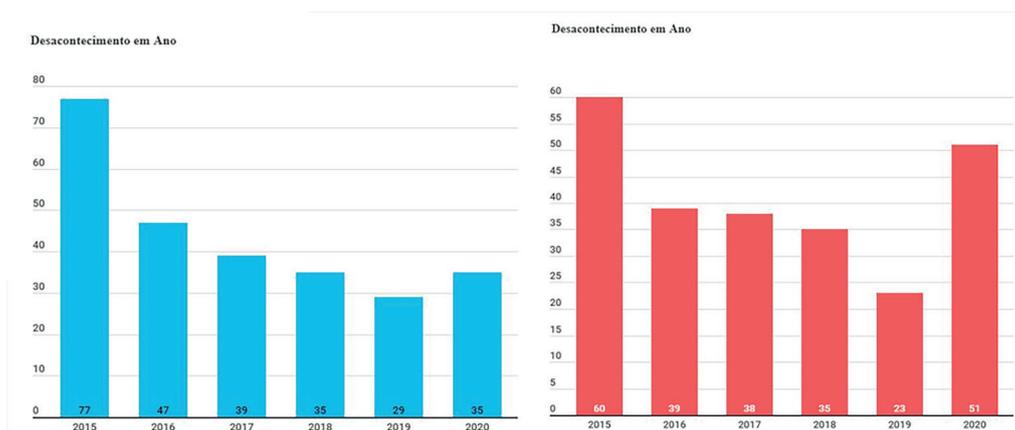
4 Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2023/12/circulacao-jornais-IVC-nov2023.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2024.

do Desacontecimento enquanto estratégia pertinente às narrativas da contemporaneidade.

O recorte temporal do *corpus* também pede anotações. A delimitação de um período de cinco anos, entre 2015 a 2020, corresponde ao interesse de investigar narrativas contemporâneas, pelo levantamento de um escopo capaz de fornecer material denso e robusto para as interpretativas. Desta fração, é importante ponderar sobre os factuais de destaque que entram em cena na agenda do noticiário brasileiro/paulista. Em cada ano, manchetes de diferentes ordens ganham lugar e permanência na cobertura dos veículos, pela projeção de impacto que alcançam e os desdobramentos que geram na realidade coletiva. Na faixa analisada, fatos como eleições municipais e presidenciais, escândalos políticos, desastres e crises ambientais e sanitárias precisam ser levadas em conta nesta equação. Isso porque tais ocorrências impõem demandas de produção a nível de alocação de recursos humanos, materiais e financeiros que podem se sobrepor a outros movimentos de pauta e limitar as brechas para escape do Desacontecimento.

Abaixo, apresenta-se em gráfico o quantitativo de matérias jornalísticas identificadas sob a configuração do Desacontecimento, ano a ano, que foram levantadas de acordo com a categorização de sua processualidade produtiva nos tópicos analíticos de a) protagonismo humano em cotidianidade; b) apuração dialógica; e c) narrativa autoral.

Figura 1: Mapeamento da presença do Desacontecimento nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S.Paulo no período de 2015 a 2020.



(Fonte: Elaboração própria, 2023)

Nesta amostragem, O Estado de S. Paulo concentra 262 relatos com contorno de Desacontecimento, e a *Folha*, 246. Em termos de registro mensal, a média de publicação fica em torno de três a quatro matérias, o que revela lacunas nos veículos em relação a estratégias narrativas interessadas em destoar dos tradicionais critérios noticiosos, pela via de aproximação com as histórias de vida e com as camadas de resistência ante às problemáticas coletivas.

Cabe uma menção, desde agora, ao quantitativo mapeado do Estadão que, nos anos de 2015 e 2016, registrou alta em razão do caderno *Aliás*, um espaço que tomava por base a fórmula americana de *week in review*, implementada em jornais como The New York Times e Washington Post, para estender os melhores momentos da semana às edições de fim de semana, em uma espécie de condensado. Na própria expressão que intitula o caderno, o veículo já transmitia a posição editorial de buscar agregar - um outro ângulo ou uma nova perspectiva. Seu escopo informativo, assim, incluía entrevistas, artigos analíticos e uma última página de *feature* - que pode ser entendido como textos produzidos em dimensão mais atemporal e interessadas em explorar as potencialidades estéticas do relato, não só formais.

Outros picos e declínios nos índices verificados podem ser compreendidos desde o tensionamento de tal matriz à agenda dos factuais de impacto: nos anos de 2018 e 2019, aponta-se a conjuntura de

eleições presidenciais e suas implicações políticas, econômicas e culturais na cena brasileira, que podem ter refletido na baixa da amostra nos dois jornais; em 2020, nota-se uma elevação que pode estar atrelada ao contexto de pandemia de covid-19 que, na Folha de S. Paulo, contou com relatos orientados à cotidianidade pela seção especial *Aqueles que perdemos*, uma iniciativa que teve início em 05 de abril de 2020 e se alargou até 31 de julho.

Nela, uma espécie de obituário semanal das vítimas de covid se apresentava por breves relatos, de contorno biográfico, sobre sujeitos comuns falecidos em decorrência da doença, com fotos e um título-resumo, nos moldes de nome, idade e profissão. O trabalho jornalístico, ainda que às voltas do critério da morte, promovia pontos de inflexão na abordagem pelo direcionamento de pauta à construção simbólica e aos diminutos de resistência nas vidas noticiadas. Os textos, nem sempre assinados, foram produzidos de diferentes localidades do país, e visibilizaram o humano por trás das estatísticas da pandemia, na apuração atenta aos vínculos e afetos estabelecidos por cada um em vida. A cotidianidade do ordinário teve protagonismo nas trajetórias destacadas, em um tipo de memória sensível dos brasileiros em enfrentamento de pandemia.

i) Dinâmicas narrativas de procedimento/apuração jornalística

A processualidade jornalística em matriz de Desacontecimento envolve, em divergência ao newsmaking hegemônico, saberes específicos que orientam a apuração e entrevista noticiosas em chave de dialogia e compreensão (VENTURA; ABIB, 2020). À cultura profissional que atravessa o código de produção informativo por etapas de reconhecimento, procedimento e redação (TRAQUINA, 2005), a cobertura de fatos não-marcados insere sua própria dinâmica de processamento de dados e testemunhos, no trabalho por configurar narrativas outras - de centralidade ao cotidiano de resistências do comum, como enfatizado anteriormente. Ao interesse em reportar a tessitura de sentidos íntimos e sociais que revestem a ordem dos dias, é necessário um exercício jornalístico de captação informativa sensível a uma tal empreitada, quer seja: em lógica que permita a apreensão de diminutos, significações, hábitos e habitações, astúcias sutis e outros elementos do comum que dizem da vida que se mantém e se vira no compasso dos dias.

Pelas trilhas da intersubjetividade (MARCONDES FILHO, 2013; WOLTON, 2004), as técnicas de apuração e entrevista que se conformaram por gramáticas funcionalistas, na esteira do tom pragmático dos discursos de atualidade do jornalismo, podem se reconfigurar em movimentos de aproximação e diálogo com os contextos e atores sociais reportados. Em Cremilda Medina (2016; 2008; 2014), uma mudança de tamanha expressão opera, essencialmente, em dois níveis: a ruptura da mentalidade sujeito-objeto e a prevalência do ato presencial. Com Edgar Morin (2003, 2007), as implicações de uma tal epistemologia se encontram no paradigma de hipersimplificação que comanda nosso pensamento. Nossa inteligência cega, escreve o autor, “destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente. Ela não pode conceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada” (MORIN, 2007, p. 12). Vivemos, neste sentido, sob um modelo de disjunção, que nos leva a pensar nossas relações em distanciamento utilitário. Retomando as reflexões de Buber (1979), é como se nosso pensamento projetasse como Isso tudo aquilo que nos rodeia. Evitamos, com isso, os riscos de percebemo-nos vulneráveis, temerosos que somos das interações.

Não à toa, para o psiquiatra colombiano Luis Carlos Restrepo (1998, p. 75), “a vida na intimidade se apresenta como o maior desafio do mundo contemporâneo”. Triunfantes que somos do mundo da técnica, continuamos ainda aprendizes quando o assunto é afeto – ou padecendo de “um grau alarmante de analfabetismo afetivo”, para ecoar a expressividade de sua concepção. Herdeiros de Alexandre, o mundo se nos apresenta como um objeto de conquista, por um interesse de domínio universal e de homogeneização cultural que nos posiciona em ideologia guerreira, e que somente pela enunciação da

ternura, na defesa do autor, pode-se inverter. À dissociação entre cognição e afeição, e também como resistência à lógica cartesiana, Restrepo (1998, p. 23) propõe uma espécie de dinâmica da fratura: “um estar aberto e deixar-se assaltar pelas intensidades ambientais que chegam ao nosso corpo [...] um ser atravessado pelo mundo e não a partir daquele que se fecha sobre a experiência impondo a qualquer preço suas intenções e projetos”.

Quando se fala em dialogia, afeto, ternura e intersubjetividade no jornalismo, neste sentido, quer-se sublinhar o valor, ao Desacontecimento, da abertura compreensiva perante os fatos e sujeitos, a história e a sociedade - por uma apreensão de que são essas conexões, efetivamente, que estão na base do vínculo social, sendo a atividade de reportagem nada mais do que esse trajeto do um ao Outro. Em razão mesmo dessas delimitações teóricas é que o expediente metodológico desta pesquisa optou por dispor, em ramificação analítica, o procedimento de apuração sensível que caracteriza o Desacontecimento em duas dinâmicas-tópico: i) dialogia; e ii) ato presencial.

Evidentemente, o dispositivo de dialogia, ainda que demarcado enquanto categoria interpretativa específica, apresenta-se, com maior ou menor intensidade, durante todo o trabalho de abordagem de fatos não-marcados - já que o movimento de abertura e escuta aos sujeitos e contextos é procedimento fundante do reportar. No entanto, a organização de indicadores de estratégia narrativa possibilita reflexão mais assertiva sobre as articulações, aplicações e arranjos produtivos do Desacontecimento nos meios e editoriais do registro informativo. Por isso, quando se inscreve dimensões de Dialogia e Ato presencial, em alusão aos estudos sobre o Desacontecimento (2020; 2021), entrecruzados às obras de Martin Buber (1979; 1982); Cremilda Medina (2008), Josep Maria Esquirol (2009), Luis Restrepo (1998) e Georges Perec (2010), versa-se sobre os exercícios de apuração e entrevista jornalísticos percebidos como preponderantes no corpus mapeado.

Por Dialogia, assim, faz-se referência a manifestações narrativas que evidenciam o trato repórter-fato-fonte em movimento de proximidade atenta e reconhecimento do Outro: valor às vozes e aos sentidos dos entrevistados; observação aos detalhes e pormenores dos ambientes e realidades reportadas; acuidade com os entornos e problemáticas em cena; entrevista jornalística em contorno de conversação, alteridade e interesse genuíno pelas histórias em relato; protagonismo às relações e sutilezas tecidas pelos sujeitos e expressas nas falas, silêncios e comportamentos, etc.

Nos termos de Ato Presencial, enfatiza-se a corporalidade do repórter em ação para a captação informativa: quer-se dar nota para as matérias que se fazem por sujeito-jornalista in loco, em via de descobertas de pauta, de circulação e vivência nas ruas, de cinco sentidos em exposição ao concreto e suas ambiências, de uma espécie de apuração que, sim, reveste-se de dialogia, mas se articula em razão mesmo da autoria que se faz presença - e narra por essa presença. Tal indicador coloca-se como de interesse para a pesquisa exploratória na medida em que situa na análise dinâmicas narrativas que se fortalecem na presentificação - e o Desacontecimento, enquanto código noticioso à revelia, abastece-se de propostas assim.

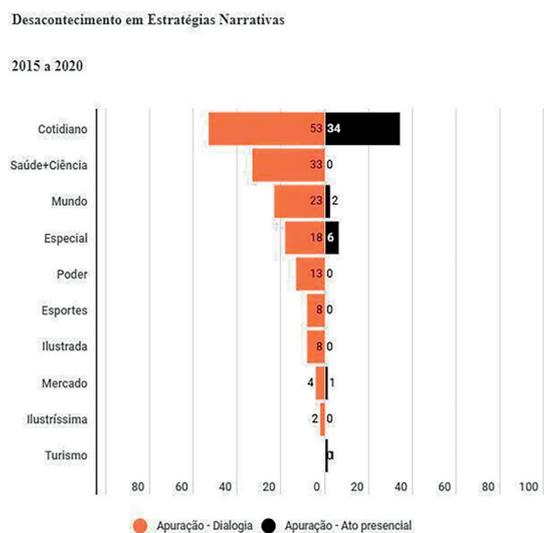
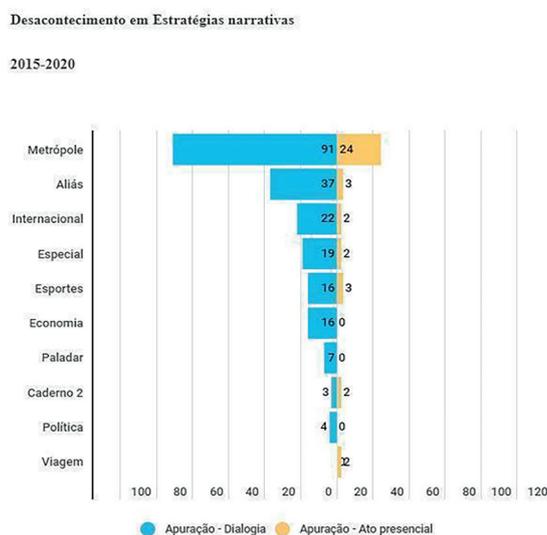
Sublinha-se, deste modo, que ambas as categorias dão sustentabilidade à narrativa enquanto desacontecimento, quer seja, que sua configuração deve acionar, como condicionante, as estratégias de dialogia e ato presencial para conferir o contorno de registro orientado à cotidianidade ordinária - em articulação, evidentemente, à noticiabilidade das resistências e à assinatura criativa na feitura dos relatos. Para fins de investigação exploratória e de organização metodológica, no entanto, opta-se por distinguir, e apresentar em dados, as duas dimensões enquanto técnicas que se mostram mais ou menos marcadas nas matérias mapeadas.

Uma investigação interpretativa dos textos identificados como de cobertura aos fatos não-marcados, dentro dos parâmetros de configuração processual do Desacontecimento em apuração e entrevista, delimitou aqueles direcionados a tratar a cotidianidade dos anônimos por movimentos de dialogia ou de ato presencial. Em tabulação gráfica, nota-se como o dialógico é traço predominante

Estratégias narrativas do Desacontecimento na imprensa contemporânea: pesquisa exploratória sobre o newsmaking de fatos não-marcados nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S.Paulo.

dos aparatos de captação sensível mobilizados pelo Desacontecimento, devido à própria inclinação compreensiva desta matriz ao Outro e, também, de aspectos de produção informativa que envolvem a disponibilização de recursos materiais, financeiros e humanos para abordagens em ato presencial.

Figuras 2 e 3: Levantamento das estratégias narrativas do Desacontecimento, em termos de apuração jornalística, nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S.Paulo, no período de 2015 a 2020.



(Fonte: Elaboração própria, 2023)

Vê-se como a categoria de Dialogia tem destaque em todas as editorias analisadas, com exceção de Viagem/Turismo, que se caracteriza por um trabalho jornalístico mais localizado no âmbito de visitar, estar e conhecer os espaços reportados. O quantitativo de matérias do caderno que se alinha ao Desacontecimento é pouco expressivo, já que sua angulação noticiosa se mostra muito voltada a critérios de novidade, insólito e de agenda factual; mas há, em suas possibilidades noticiosas, caminho para o alcance da cotidianidade explorando as rotas do ato presencial - presentificar o pouco conhecido, o que está à margem, as descobertas das pistas vicinais. Textos sobre a vitalidade criativa do urbano de Maboneng, na África do Sul, e a velhice em contato pela primeira vez com o litoral compõem a amostra do caderno que, ao apostar pela narrativa em trânsito, dispõe o repórter em brecha para contar das experiências-vivências (MEDINA, 2014) que colhe em contato com o real.

A temática Cultural, de modo mais enfático no jornal Estadão, também se mostra aberta ao exercício de apuração em traço de ato presencial, com narrativas não-marcadas que se assumem por eventos, apresentações, mostras, performances, e arte popular em desvelo nas ruas ou ambientes e circuitos culturais. Em Chutando o balde, por exemplo, de 01 de março de 2017, a música que desacontece nas ruas é apurada em tons de presentificação:

Quem passa pela Avenida Paulista, numa quarta-feira chuvosa e abafada de verão, depara-se com o ritmo cadenciado das baquetas imponentes de Bruno Kioshi. No asfalto, já deformado pela passagem diária de milhões de pessoas pelo coração da maior metrópole do País, baldes (aqueles de água mesmo) dão o tom da música e transformam a selva de pedra em um palco de jazz ao ar livre (CARVALHO, 2017, p. C1).

E a autoria descritiva continua a lançar à cena o concreto captado pela observação dos sentidos: as beiradas sujas dos objetos retirados da prateleira de limpeza de casa, os batuques quebrados, a troca de olhares entre os integrantes do grupo - que revela de uma amizade já aflorada -, e mesmo o resgate de momentos de infância de Bruno, o baterista da Kick Bucket, que se valia de frigideiras para tocar, quando garoto, e mantém a escolha como essência do jazz da banda: “queremos levar algo diferente para as pessoas e mostrar quanto a música pode ser algo simples e ao mesmo tempo original” (CARVALHO, 2017, p.C1). No registro, depreende-se a configuração do Desacontecimento em noticiabilidade do cotidiano pela via dos sentidos, atrelada a aparatos de captação sensível cuja articulação se dá pelo estar-em-presença do repórter no vívido das ruas.

Já na Folha de S.Paulo, o caderno de Ilustrada manifesta o Desacontecimento em apuração de dialogia, ou de entrevista em movimento de compreensão intersubjetiva, que acessa os enfrentamentos cotidianos da cultura especialmente pela escuta próxima e abertura ao Outro. O texto “Histórias pelo caminho”, publicado no periódico em 20 de dezembro de 2015, pode ser tomado como um referencial interessante para essas interpretações, inclusive no tocante a uma espécie de justaposição, comum, dos recursos narrativos na produção noticiosa. Organiza-se, para fins de delimitação de pesquisa, o trabalho jornalístico em dispositivos, quando se sabe que dinâmicas de reportagem complexas, tal qual o Desacontecimento, hibridizam movimentos, estratégias e ações no tratamento da informação. A narrativa de Mônica Bergamo, ao passo que se faz em ato presencial, acompanhando ex-moradores de rua em São Paulo que voltam às marquises para ouvir pessoas nessa situação, toma forma e substância pelo Eu-Tu em fratura terna:

‘Será que as pessoas sabem como é viver assim?’, reflete Luiz Carlos Ceccopiere, 59, ao puxar memórias dos 30 anos que passou ao relento em São Paulo, ‘magro, sujo, de barba, sempre de fogo, tomando três corotes por dia’. Ele está de volta à rua. Mas agora vem de banho tomado, alimentado, após dormir sob o teto de uma casa no bairro da Aclimação para dependentes químicos em tratamento. [...] Sem revelar o nome, o homem conta que não tem casa. Com o HIV, sente dores e foi buscar remédio, mas não encontrou. [...] O papo segue por uns minutos, até que o homem chora. Luiz põe a mão em seu ombro [...]. (BERGAMO, 2015, C2).

A descrição da experiência-vivência se apresenta no relato: o clima do encontro é de sol abafado, na tarde de uma quarta-feira no centro da capital paulista, com Luiz, em tênis vermelho, junto à uma equipe de ex-moradores de rua contratados pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos, e os sujeitos em escadarias da estação da Luz, com cobertas, falas confusas, olhares opacos, cachorros de companhia e sentidos de vida diversos. Mas é a dinâmica do dialógico que se sobressai na produção jornalística, revestida de conversação e silêncio entre os membros da equipe da prefeitura, da reportagem e dos sujeitos em situação de rua: alguns enfrentaram o luto e o abandono familiar, outros a dependência química, e a maioria relata dificuldade em lidar com o trauma e com o passado.

Fragmentos de texto permitem identificar o signo relacional que se estabelece entre os

personagens em pauta: “[...] ‘Não me lembro há quanto tempo estou aqui. A mulher morreu e os filhos [faz gesto indicando que foram embora]. O problema foi esse, não teve outro’ - João Feitosa da Silva, 74 (BERGAMO, 2015, C2). Das conversas em protagonismo, salta o tom de compreensão que busca das percepções que se desconstroem e reconstroem pelos envolvidos: “No censo, o pesquisador Manoel Lucimar encontra resistência por tocar em lembranças dolorosas. De um entrevistado ouviu: ‘acho que a prefeitura não devia mexer nos sentidos dos outros’. O próprio Manoel, diante da equipe, sempre silenciou sobre seu passado” (BERGAMO, 2015, C2).

Também “O som que fica”, publicado na Ilustríssima de 09 de setembro de 2018, fornece pistas sobre as direções narrativas acionadas pelo Desacontecimento para se aprofundar em tessituras de vida, no caso, de anônimos em cotidianidade com a arte: a travessia musical de Ananda Ferrari, na abordagem de suas resistências pelo rock, é contada por lembranças familiares, ida e vindas de Salvador a São Paulo, e uma adolescência de descobertas por sua identidade artística. O exercício jornalístico que apura os meandros de significados, enquanto permanências e virações do dia-a-dia da protagonista, consiste justamente no diálogo fluído que se favorece pelo interesse compreensivo do repórter:

‘Acho que tô pronta. Pronta para me chamar de cantora’, diz Ananda Ferrari, 19, esmalte vermelho descascado e cabelo castanho assimétrico. A frase carregaria apenas o peso da escolha profissional por que passa qualquer jovem, não fosse o papel que a música tem na vida de Ananda. [...] ‘Meu pai é muito...’, Ananda escorrega no tempo verbal, para logo emendar: ‘Ele era assim, fazia muita música. Tocava sem parar por dias, semanas, e depois pegava abuso da própria música. Não queria mais ouvir’. (FELITTI, 2018, p. 6).

A entrevista ganha contorno de plurólogo, para retomar uma expressão de Medina (2014), com a abertura às vozes de outros nomes da vida e do bairro de Ananda, como Rebeca Matta, sua madrinha de carreira e também música e artista plástica; Luisão Pereira, produtor musical e seu tio de consideração; e Monique Ferrari, sua mãe. A cena se amplia pela intersubjetividade que colhe de diferentes depoimentos, memórias e perspectivas que se cruzam na escuta jornalística.

Cabe deter atenção ao caderno Aliás, iniciativa de O Estado de São Paulo que despontou em protagonismo no mapeamento do Desacontecimento na imprensa contemporânea: seus textos marcadamente autorais e destoantes da agenda factual tradicional apresentam fôlego no tratamento noticioso, por dinâmicas que tomam tempo e assinatura criativa no relato da cotidianidade ordinária, com apuração sensível aos sentidos e astúcias que permeiam os dias. Nos registros, há repórter em presença atravessado pelos afetos e ambiências e há orientação dialógica para compreensão do Outro em reconhecimento e complexidade. O exemplo da matéria Serviços Gerais S.A, veiculada em 10 de janeiro de 2016, que trata da visibilidade do desemprego pela tenacidade dos brasileiros que enfrentam a sistemática da desigualdade social, evidencia a captação informativa que vai além do quantitativo de dados e estatísticas: aproxima-se dos José’s, Joaquim’s, Santos e Silva que, “todo santo dia” (AMENDOLA, 2016, p. E6), colocam-se com pasta azul, envelope bege, dados pessoais, formação acadêmica e pretensão salarial debaixo do braço:

Os homens, os mais castigados, vão logo pra esquina da Barão com a Dom José de Barros. Eles têm um encontro marcado com o Jerônimo, o herói do sertão, encarregado de obras que, diariamente, seleciona carne dura para a construção civil. Dessa vez é uma obra na cidade de Jandira, uma ponte para subir ou consertar, trabalho que pode durar mais de seis meses, um salário garantido, menos de 1.000. [...] O próprio Jerônimo diz que nunca ficou desempregado, que sempre gostou de trabalhar, que já cortou cana, plantou café, fez limpeza, pintura e, claro, que só não trabalha quem não quer. ‘Eu já arrumei trabalho para um sujeito que chegou bêbado no seu primeiro dia de obra, acredita?’ (AMENDOLA, 2016, p. E6).

Histórias, causos, desventuras e esperanças formam a costura noticiosa da peça em arranjo de

protagonismo humano e crítica às violências estruturais, por uma mediação que se coloca em fissura às lutas e demandas populares, isto é: o jornalista está na rua, nos postes da Barão de Itapetininga, do centro de São Paulo, junto aos cidadãos em busca de emprego nos cartazes e filas de recrutamento do local, conversando e escutando, assumindo percepções, deixando-se conduzir ao ser-Outro. E transparecendo as impressões do processo produtivo: 'O que você sonha para o David, Danielle? Vai, me diz, ele vai ser médico, engenheiro, advogado...'. E Daniele responde: 'Quero que ele se inspire em mim. Eu vou pra cima mesmo, faço panfletagem, divulgo Avon e tenho minhas correrias' (AMENDOLA, 2016, p. E6).

Ambulantes, ex-patroas, vigilantes, mães solo, homens-placa são abordados em relação na narrativa de Amendola que diz não só dos enfrentamentos diários do brasileiro à mercê da falência do Estado, mas, especialmente, dos sentidos que fazem e se refazem no individual e no coletivo para sustentar o enredo da vida - e da própria condição humana.

No caso da seção 'Minha História', outro destaque interessante do levantamento sobre a presença do Desacontecimento nas edições da Folha de S.Paulo, a apuração sensível assume como contorno característico a dialogia da entrevista compreensiva em razão da própria configuração editorial dos relatos: em uma espécie de depoimento em primeira pessoa, a vida dos personagens em cena se mostra em cruzamento de passado-presente-futuro, amarrado pelo cotidiano de resistências e afetos das histórias em questão. Um tal formato, evidentemente, passa pelo crivo da reportagem em não só tratar o texto, mas exercitar uma captação informativa que dê abertura às minúcias e detalhes dos contextos e pessoas.

"Enxada e canudo", veiculada em 02 de junho de 2016, tem a jovem Kauany Sousa, de 24 anos, de fio narrativo para a abordagem da desigualdade social no Brasil, na visibilidade de pobreza, com desenrolar pelas lembranças, frustrações e projeções de sentidos tecidos em sua realidade familiar no nordeste. Natural de Almino Afonso, no Rio Grande do Nordeste, Kauany percorreu uma travessia de alfabetização tardia e labuta na roça para colaborar com os pais, sitiantes, que nos dias mais difíceis ganhavam R\$20 para o sustento da família, em casa de taipa, barro e um quarto único, sem camas.

Aprendi a ler debaixo de uma árvore, sentada no chão, graças a uma conhecida, que depois nos levou à escola. Eu ouvia rádio de pilha e dizia que um dia seria jornalista. [...] Levava duas graduações e ainda fazia estágio. Sem dinheiro, precisei morar cada dia na casa de uma amiga. [...] Uma semana antes da minha formatura, tinha dito a uma amiga sobre a intenção de homenagear meus pais, que até hoje vivem na roça. [...] Entrei na festa com a enxada nas mãos, sobre a cabeça. [...] Quando criança, brincava de procurar avião no céu. Dizia para minha mãe que um dia também voaria. Voei. (RESENDE, 2016, B3).

A configuração de mecanismos de apuração mais atrelados à ordem dos sentidos e dos afetos, nessa camada que também se designa de infra-ordinário, conjuga uma dimensão ética, tal qual apontado anteriormente, enquanto movimento de reconhecimento social. Ao dispor-se à proximidade junto a sujeitos comuns, e integrar-se em seus espaços de convívio, interessando-se especialmente por aquela parcela de atores que vive à margem, o Desacontecimento faz da narrativa um registro da vivacidade, em suas potências e fragilidades, que envolve as vidas tradicionalmente ignoradas. A mirada atenta, como destaca Esquirol (2015), constitui, ao fundo, uma dinâmica de não-indiferença, de respeito. E a escolha de reportar os enfrentamentos cotidianos corresponde a esse gesto, humano e jornalístico, de preservar a dignidade de cada um.

Os cadernos de Internacional/Mundo podem se favorecer de dinâmicas de captação informativa voltadas ao sensível e infraordinário dos sujeitos, especialmente por movimentos dialógicos, já que o trabalho em ato presencial esbarra em limitações de recursos financeiros e condições editoriais para assuntos estrangeiros. Isso porque as visibilidades de migrações, trabalho humanitário e refugiados demandam, em coberturas de complexidade e compreensão, um esforço jornalístico de apreender o escopo multifatorial que atravessa realidades de conflito e de crise humanitária: o histórico das relações,

as sistemáticas e estruturas, os acordos e redes de influência e, sobretudo, as pessoas, grupos e populações envolvidas.

No que toca às entrevistas, o Desacontecimento potencializa os movimentos jornalísticos de escuta ao revestir de testemunho o tom do relato. O fenômeno da alteridade, enquanto dinâmica que diz do si-mesmo como Outro, articula-se em fratura pelo entre, por sujeitos que se projetam ao comum, identificando-se como estrangeiros – isto é, um humano que se torna mais humano à medida que acolhe em ser-com a experiência de sua incompletude. À cobertura de fatos não-marcados, uma tal acepção diz não apenas de um dispositivo técnico de um código de produção, mas do cerne ético, ou sustentação do ethos, que desencadeia os seus modos de fazer.

Quando se fala em testemunho, considera-se como pano de fundo a vida de atores sociais em situação de abismo: não apenas pela falência dos aparatos estatais e de suas estruturas de proximidade, mas também, e em nível mais delicado, pela situação de ruptura de sua psique e subjetividades. O trauma, conforme cita Seligmann-Silva (2005, p. 65), “é o total desamparo do indivíduo, tanto em excitação pulsional interna, como de uma vivência externa”. Os sobreviventes do choque, por isso, enfrentam uma impossibilidade de tradução total de suas experiências, em termos de pensamento, de memória e de linguagem. No caso das matérias selecionadas na amostragem para análise, o que se percebe é justamente o valor do testemunho que se concentra no que cada indivíduo pode expressar e na maneira como suas experiências se atrelam ao cenário cultural e humano mais amplo.

Os personagens dizem daquilo que pensam e sentem, conforme suas apropriações e reelaborações em torno daquilo que vivem, e é a escuta e o silêncio as atitudes que mais articulam a ordem da relação. “As sequelas reais de um sniper francês”, do Estadão de 22 de fevereiro de 2015, assume tais contornos pelo interesse jornalístico ao Outro que, muitas e equivocadamente vezes, é colocado como representação do mal, da vilania e do inimigo. Em outra lógica, um atirador de elite da Legião Estrangeira da França é mostrado para além da violência e da morte: “na vida real, um ‘sniper’ é, forçosamente, um homem amargo, perseguido pela própria memória e sob influência permanente do estresse pós-traumático” (NETTO, 2015, A14).

Em diálogo direto, a narrativa revela dimensões do humano no conflito, em sentidos que se dizem em primeira pessoa e que encontram ambiente favorável, em termos de recepção jornalística, para costurar impressões que alcançam nuances outras ao público:

‘Depois que você se torna um atirador, você não tem mais amigos. Uma paranoia se instala, tudo e todos ao seu redor podem ser vistos como seus inimigos’, conta. [...] Quando consigo dormir mais profundamente, tenho pesadelos constantes. Quando ouço um grito ou uma porta bater, salto como se tivesse de reagir. [...] Tenho lembranças que me invadem o tempo todo e das quais não posso me livrar. [...] Eu sabia que ser um atirador poderia atingir o meu corpo, se impregnar na minha carne’, pondera. ‘Eu só não sabia que o estrago seria tão grande’ (NETTO, 2015, A14).

Na Folha, a apuração em testemunho do texto “Ex-escravas relatam rotina de horror do EI”, de 09 de fevereiro de 2015, visibiliza um cotidiano de resistência duro, silenciado e pouco abordado, no além-fronteiras, da escravidão e dos abusos da milícia radical no Iraque e na Síria. Os números - mais de 2.000 mulheres de minoria yazidi - tomam rosto e afeição pela escuta dos repórteres as jovens mantidas em cativeiro pelo Estado Islâmico. O leitor - humano e cidadão - aproxima-se do dia-a-dia de estrangeiros que no comum se estilhaça: “Saana se preparava para almoçar com a família quando eles chegaram [...] separaram mulheres e crianças para um lado, homens para o outro” (MELLO e BRAGA, 2015, A8). Longe das câmeras e mídia que flagram sujeitos queimados vivos, jornalistas decapitados e barbáries em espetáculo, o Desacontecimento reveste de tom assertivo os dizeres, as pausas, sentidos e descritivos das mulheres em pauta.

As yazidis sequestradas que conseguem voltar para casa enfrentam mais um desafio:

o preconceito. Muitas não conseguem conceber a humilhação e se suicidam. [...] Para as que escapam, as perspectivas são sombrias “Nós nunca mais vamos voltar para casa [...], não podemos mais confiar nos nossos vizinhos árabes que os apoiaram”, diz Saana. Ela foi a primeira mulher da família a entrar na universidade. Agora não sabe quando retomará os estudos. Não tem ânimo nem para assistir a novelas e filmes de Jean-Claude Van Damme, que adorava (MELLO e BRAGA, 2015, A8).

Cabe indicar que, especialmente em editorias de Internacional/Mundo, notadamente marcadas por situações desviantes e de trato noticioso por critérios hegemônicos, a dinâmica narrativa do Desacontecimento possibilita uma inflexão informativa, ou uma virada de angulação que centralize na camada dos enfrentamentos ordinários, via proximidade em fratura, os relatos em cena. O trajeto do factual à configuração de Desacontecimento passa, fundamentalmente, por expedientes de produção versados em intersubjetividade, escuta atenta e apreensão pelos sentidos.

Considerações finais

O interesse em pesquisar a noção de desacontecimento jornalístico acompanha, nas trilhas do campo, os esforços reflexivos de autores que, conforme exposto neste artigo, contribuem com arcabouços teóricos e analíticos para a área. Considerando-se o vigor e a maturidade de tais produções, inscritas enquanto bibliografia referencial, este estudo assume a visada de discutir, no terreno das práticas possíveis, estratégias e dinâmicas narrativas para as coberturas contemporâneas. Longe da pretensão de inaugurar ou fixar algum novo conceito, mais vale pensar neste texto, e no próprio termo desacontecimento, como uma provocação que espera movimentar pensamentos sobre formas distintas de se fazer. Cabe ecoar a ponderação de Künsch (2009, p. 07), que prioriza falar em noção, e não em conceito, para ressaltar a via do diálogo e da negociação de sentidos por parte da própria reflexão que, “opondo-se ao racionalismo, ao reducionismo e ao determinismo que demarcam hegemonicamente o campo [...], aponta para a necessidade do pensamento da complexidade e da compreensão”.

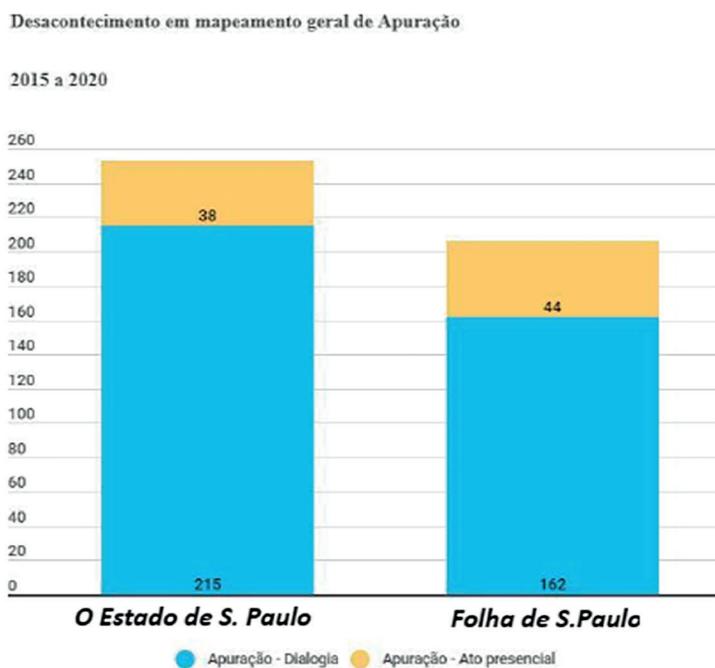
O percurso formativo de uma fundamentação do desacontecimento se atravessa, assim, por um legado científico das Teorias do Jornalismo, especificamente no que toca ao *newsmaking*, e por projetos de pesquisa fomentados em vista do debate e do próprio valor conferido às buscas acadêmicas por boas práticas de jornalismo no cenário atual. Não à toa, as primeiras análises e artigos acerca da noção se voltaram a uma proximidade compreensiva do trabalho de profissionais que, em contexto produtivo de mídia hegemônica, empreenderam escolhas e dinâmicas noticiosas a contrapelo. Desde investigações anteriores atentas à processualidade narrativa que toma forma quando da noticiabilidade ao cotidiano ordinário, elege-se avançar na maturação do escopo com um estudo mais amplo, de cunho exploratório, sobre a presença de configuração de tal matriz na imprensa paulista tradicional.

Na amostragem mapeada, a partir dos exemplos analisados, nota-se que o trabalho jornalístico de apuração se orienta pelos fundamentos da dinâmica do Desacontecimento, especialmente pela predileção ao dialógico como recurso que alarga a captação informativa sentido ao movimento de compreensão intersubjetiva, ainda que, pela própria limitação espaço-temporal dos veículos impressos, as narrativas não tenham condições de estender ou aprofundar as histórias em relato como poderiam. O trato factual, no entanto, considerando-se as potencialidades do Desacontecimento em conferir traços de polifonia e complexidade aos registros, condiz com uma cobertura noticiosa alinhada a produzir visibilidades no tocante às problemáticas socioculturais - e não apenas em transmitir efemérides, como é característico ao jornalismo diário.

Em cada caderno, como é de se esperar, e a depender de iniciativas de autoria e abertura organizacional, o escopo narrativo pode assumir determinados contornos, seja de repórter em presença, de escuta e silêncio, de caminho de alteridade, de método infraordinário e de exposição em fratura - temáticas distintas, afinal, pedem e manifestam sentidos próprios, conforme já indicado. No comparativo

reproduzido abaixo, a título de ilustração, Estadão e Folha de S. Paulo apresentam proximidade neste critério de produção. Para além de uma tomada detida a delimitar ou especificar características, condutas e opções editoriais de cada veículo - o que, inclusive, escaparia da proposta investigativa deste artigo -, quer-se indicar a configuração do Desacontecimento na cobertura da imprensa paulista contemporânea, pelos dispositivos de apuração e entrevista que se articulam para reportar o cotidiano do comum, em meio a abordagens de agenda e ocorrências desviantes, constrangimentos de ordem empresarial e procedimentos-padrão da cultura jornalística.

Figura 4- Comparativo do mapeamento em apuração



Fonte: Elaboração própria (2023)

Pela análise interpretativa empenhada sobre alguns textos, no sentido de aprofundar o entendimento sobre a processualidade do Desacontecimento em vistas narrativas, evidencia-se as potencialidades da matriz na cobertura de atores sociais tradicionalmente colocados à margem do interesse público e midiático, por aparatos de captação que, em ordem de diálogo e abertura intersubjetiva, permitem tecer em proximidade os sentidos e demandas, também coletivas, que compõem o todo social - desde os recortes de abordagem de diferentes cadernos informativos, que podem favorecer mais ou menos determinadas dinâmicas narrativas. Uma tal abertura sensível dos repórteres às histórias narradas, também cumpre dizer, sob a centralidade dialógica do 'eu-tu', envolvem, concomitantemente, um afetar-se, tal qual diz Medina (2014), do profissional jornalista, no sentido de que o seu próprio 'eu' e suas compreensões de mundo se deixam permear pelo Outro e suas vivências, ecoando as palavras de Gadamer (2002, p.221): "O diálogo transforma a ambos". Uma solidariedade ética e social só pode acontecer na comunhão de opiniões, que é tão comum que já não é nem minha nem tua opinião, mas uma interpretação comum do mundo.

Destaca-se, em um último apontamento, que a pesquisa exploratória sobre a manifestação do Desacontecimento na imprensa paulista intentou configurar, antes de um escopo fechado e definitivo, uma amostra de dados, em concreto mapeado, acerca da presença e articulação de uma matriz narrativa possível à contemporaneidade, que dê brecha a visibilidades não-marcadas ou silenciadas pelo código de produção hegemônico.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Nueva edición revista y ampliada. Barcelona: Paidós, 2005.

AMENDOLA, Gilberto. Serviços Gerais S.A. **O Estado de S.Paulo**, 2017. Aliás/ E6. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como acontecimento. In: VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). 2009, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: USP, 2009.

BERGAMO, Monica. Histórias pelo caminho. **Folha de S.Paulo**, 2015, Ilustrada/C2. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.

CARVALHO, Paulo. Chutando o balde. **O Estado de S.Paulo**, 2017. Caderno 2/ C1. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ESQUIROL, Josep Maria. **El respirar de los días**. Barcelona: Paidós, 2009.

ESQUIROL, Josep Maria. **La resistencia íntima: ensayo de una filosofía de la proximidad**. Barcelona: Acontilado, 2015.

FELITTI, Chico. O som que fica. **Folha de S.Paulo**, 2018, Ilustríssima. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II: complementos e índice**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari H. The structure of foreign news. **Journal of Peace Research**, v.2, n.1, p. 64-91, 1965.

KÜNSCH, Dimas. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Libero (FACASPER)**, v. 12, n. 24, p. 41-50, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico (Nova Teoria da Comunicação – Volume I)**. São Paulo: Paulus, 2013.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Atravessagem: reflexos e reflexões na memória de repórter**. São Paulo: Summus, 2014.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MELLO, Patricia; BRAGA, Fabio. Ex-escravas relatam rotina de horror do EI. **Folha de S.Paulo**, 2015, Mundo, A8. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

Estratégias narrativas do Desacontecimento na imprensa contemporânea: pesquisa exploratória sobre o newsmaking de fatos não-marcados nos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo.

NETTO, Andrei. As sequelas reais de um sniper francês. **O Estado de S. Paulo**, 2015. Internacional/ A14. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

PEREC, Georges. Aproximações do quê?. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 178-180, janeiro-junho 2010.

RESENDE, Sara. Enxada e canudo. **Folha de S. Paulo**, 2016, Cotidiano/B3. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 12 maio 2023.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

SHOEMAKER, Pamela J. Prefácio. In.: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo; FERNANDES, Mario Luiz. (Orgs.). **Critérios de noticiabilidade** - problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2006. p. 13-21.

SHOEMAKER, Pamela J.; REESE, Stephen D. **Mediating the message**: theories of influences on mass media content. Longman Publishers, 1996.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Entrevista jornalística em vias de compreensão: o caminho do diálogo para a experiência da alteridade. **Comunicação & Sociedade**. 42. 289-313, 2020.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação**. Brasília: Ed. da UnB, 2004.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo 2000**. Lisboa: Relógio d'água, 2000.

Tayane Aidar Abib é doutora em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista, mestre e jornalista formada pela mesma instituição. Desenvolveu pós-doutorado em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.

Dimas Antônio Künsch é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; apoio na revisão de texto; redação do manuscrito.